

Universidades Lusíada

Baltazar, Isabel

Carta aberta aos europeus, por Denis de Rougemont : a ideia de uma comunidade cultural europeia

<http://hdl.handle.net/11067/5540>

Metadata

Issue Date 2009

Abstract Este estudo tem como objectivo apresentar a Carta Aberta aos Europeus de Denis de Rougemont, mostrando a originalidade e a actualidade da proposta da ideia de uma Comunidade Cultural Europeia. A Europa, antes de ser uma aliança política ou uma entidade económica, deve ser uma comunidade cultural. Na perspectiva deste federalista, o caminho para a construção europeia deve seguir a vontade dos europeus, unidos por uma herança cultural comum. Não são as instituições que determinam a união do povo e...

This study has the aim to present the Open Letter To Europeans by Denis de Rougemont, demonstrating the originality and actualness of the proposal of the idea of a European Cultural Community. Europe, before being a political alliance or an economical entity, must be a cultural community. Through the perspective of this federalist, the path to the European construction must follow the Europeans wish, joined by a common cultural heritage. It cannot be the institution to determine the union of the...

Type article

Peer Reviewed No

Collections [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

This page was automatically generated in 2020-11-30T11:39:12Z with information provided by the Repository



**CARTA ABERTA AOS EUROPEUS,
POR DENIS DE ROUGEMONT.
A IDEIA DE UMA COMUNIDADE CULTURAL EUROPEIA**

Isabel Baltazar

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)
ibaltazar@fcsb.unl.pt





Resumo

Este estudo tem como objectivo apresentar a *Carta Aberta aos Europeus* de Denis de Rougemont, mostrando a originalidade e a actualidade da proposta da ideia de uma Comunidade Cultural Europeia. A Europa, antes de ser uma aliança política ou uma entidade económica, deve ser uma comunidade cultural.

Na perspectiva deste federalista, o caminho para a construção europeia deve seguir a vontade dos europeus, unidos por uma herança cultural comum. Não são as instituições que determinam a união do povo europeu, mas a unidade de uma cultura milenar.

Uma Europa Unida na Diversidade: eis a ideia visionária de Rougemont para a Europa, bem actual pelo ano europeu do Diálogo Intercultural que acabámos de comemorar (2008).

Palavras-chave

Europa / Europeus / Comunidade / Cultura / Diversidade

Abstract

This study has the aim to present the *Open Letter To Europeans* by Denis de Rougemont, demonstrating the originality and actualness of the proposal of the idea of a European Cultural Community. Europe, before being a political alliance or an economical entity, must be a cultural community.

Through the perspective of this federalist, the path to the European construction must follow the Europeans wish, joined by a common cultural heritage. It cannot be the institution to determine the union of the European people, but the unity of a millenarian culture.

A Europe united in Diversity: here is the visionary idea of Rougemont for Europe, very updated concerning the European year for Intercultural Dialogue that we have just commemorated (2008).

Key Words

Europe / European / Community / Culture / Diversity



Compreende-se que nem toda a gente perceba com evidência a realidade da Europa, porque a Europa não é uma “coisa”, mas um equilíbrio... Segredo grande e paradoxal, sem dúvida! Porque o equilíbrio ou balança de poderes é uma realidade que consiste essencialmente na existência da pluralidade. Se esta pluralidade se perdesse, aquela unidade dinâmica esvanecer-se-ia. Europa é com efeito, um enxame: muitas abelhas e um só voo.

Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas

Podemos considerar Denis de Rougemont como um visionário sobre o destino europeu. No seu tempo (1906-1985), teve a oportunidade de viver os acontecimentos mais marcantes da Europa, que levariam precisamente a concluir sobre a necessidade de uma unidade europeia, nem que fosse para evitar uma nova guerra. A grande originalidade de Denis de Rougemont encontra-se na sua proposta de uma unidade também dos europeus. O seu federalismo tem, por isso mesmo, fundamentos bem mais profundos do que os interesses dos Estados. Esta unidade pressupõe a possibilidade de unir os povos europeus, ou melhor, (re) unir, já que estes já se encontram unidos animicamente pelas suas raízes culturais comuns. O seu passado histórico, a herança greco-romana e o cristianismo religioso, permitem construir um futuro conjunto, partindo daquelas pedras lapidares que garantem a continuidade da cultura europeia. Nesta cultura comum europeia fica desenhada uma identidade própria – uma identidade europeia – composta das diferentes culturas e identidades que constituem o seu todo.

Denis de Rougemont viveu o tempo suficiente para observar, e até participar, nos esforços de unidade europeia empreendidos a seguir à primeira grande guerra, e na efectiva construção europeia pós-segunda guerra¹. Teve a possibilidade de

¹ A este propósito refira-se a obra de Denis de Rougemont intitulada *L'Europe en Jeu*, Neuchatel, La

apreciar os consideráveis passos da construção europeia desde a célebre *Declaração Schuman*, em 1950, quase até ao presente. Constatou que o “método dos pequenos passos” preconizado pelo Ministro Francês era de facto a opção escolhida até ao fim da sua vida e até ao presente mais recente. Tal como os próprios pais fundadores, sendo de destacar a figura de Jean Monnet², nunca deixou de sonhar com uma verdadeira união europeia e acreditar na sua possibilidade. Para além de unir Estados era preciso unir os europeus. Esta era a sua visão – comum a muitos outros intelectuais da época – e que permanece com uma actualidade impressionante. Finalmente, também os políticos compreenderam a necessidade de construir uma Europa com Rosto, uma Europa com Alma, a substituir aquele “Objecto Político Não Identificado” – OPNI – que chamaria a atenção de Jacques Delors. Esta nova Europa, que precisa dos europeus para sair da encruzilhada do momento presente, não é uma Europa de Estados Unidos (esta já mostrou estar esgotada). Esta Europa terá de ser uma Europa dos Europeus Unidos, tarefa bem mais difícil de concretizar, mas com um destino bem mais promissor.

É neste contexto, que julgamos de todo pertinente, trazer à leitura a *Carta Aberta aos Europeus*³, escrita por Denis de Rougemont quando se construía uma Comunidade Económica Europeia. O seu espírito visionário permitia-lhe pensar algo mais arrojado do que unir economias, mas, também, muito mais profundo. O seu projecto europeu fundamentava-se na constituição de uma Europa que unisse as suas culturas, e, por isso, envolvesse os europeus. Este esboço afigura-se-nos como a tentativa de criação de uma *Comunidade Cultural Europeia*.

Por uma Comunidade Cultural Europeia

Denis de Rougemont foi um dos intelectuais mais determinantes na reflexão sobre a Europa, no período entre-guerras e depois de 1945, ao lado de outros pensadores como Gabriel Marcel ou Emmanuel Mounier que, também, merecem um estudo sobre a sua visão da Europa. É de salientar que a filosofia personalista não poderia pensar a Europa a partir, apenas, do pragmatismo político. O futuro dos europeus seria a sua grande preocupação, e ocuparia grande parte da sua vida. Para além da filosófica preocupação com a pessoa humana, na base destes personalismos estava, também, a crença na possibilidade de mobilizar os europeus na construção de uma Europa comum. Para isso, tornava-se necessário exortar os europeus a participarem na construção europeia, mobilizados na defesa do bem geral. É nesse contexto que se enquadra, Denis de Rougemont escrever uma carta dirigida a todos os europeus:

Baconnière, 1948.

² Sobre este assunto pode ler-se Isabel Baltazar, “O Espírito Europeu: fundamentos para uma Europa Unida. Contributo dos Encontros Internacionais de Genebra (1946)”, *Revista Lusíada*, nº 17, Universidade Lusíada, 2008, pp. 101-117.

³ Denis de Rougemont, *Carta Aberta aos Europeus*, Lisboa, Editorial Pórtico, 1970.

“Albanesas, Albaneses!
Alemães Federais e de Leste, Alemães Federais e de Leste!
Austriacas, Austríacos!
Bálticas e Bálticos da Estónia, da Letónia e da Lituânia!
Belgas, Belgas!
Bougresses, Bougres
Checoslovacos (bis)!
Cipriotas, Cipriotas!
Dinamarquesas, Dinamarqueses!
Espanholas, Espanhóis!
Finlandesas, Finlandeses!
Francesas, Franceses!
Helenas e Gregos!
Holandesas e Holandeses!
Húngaras e Magiares!
Inglesas e Ingleses!
Irlandesas, Irlandeses!
Italianas, Italianos!
Jugoslavas, Jugoslavos!
Luxemburguesas e seus Burgueses!
Maltesas, Malteses!
Norueguesas, Noruegueses!
Otomanas e Turcos!
Polacas, Polacos!
Portuguesas, Portugueses!
Romenas, Romenos!
Suecas, Suecos!
Suíças e Suíços dos vinte e dois Cantões”⁴.

Uma carta bem personalizada e que procura dirigir-se particularmente a cada um daqueles europeus, pelo menos no princípio da epístola, já que depois, passarão a ser, apenas, chamados no seu conjunto, como o próprio admite:

“Na realidade, nunca poderemos fazer qualquer coisa juntos se de cada vez tivermos de começar por nos enumerarmos nos dois géneros e segundo a ordem alfabética - o que exige mais de vinte e quatro palavras de saudação - antes que se diga algo, e apenas dá uma pálida ideia dos incómodos, obstáculos, perdas de tempo e de energias advenientes da existência dos nossos Estados - Nações, desde que se trate de colaborar seja no que for. Deixai-me, portanto, tratar-vos muito simplesmente assim: EUROPEIAS; EUROPEUS!”⁵.

⁴ *Idem, ibidem*, pp. 7-8.

⁵ *Idem, ibidem*, pp. 8-9.

É de lembrar que esta *Carta Aberta aos Europeus* já tinha uma história anterior a ser escrita. Muito antes de 1970, já Denis de Rougemont tinha escrito sobre os europeus, particularmente na obra *Les chances de l'Europe*⁶, e até na clássica e célebre *L'Amour et l'Occident* publicada em 1938⁷. A sua visão da vida era pacífica, tendo-lhe até custado a liberdade em 1939, ao defender a invasão alemã da França e a ocupação de Paris. Seria também um resistente contra os fascismos que nessa altura despontavam, fundando a Liga de Gothard. As suas posições eram incómodas para os políticos que o enviariam para os Estados Unidos da América com o pretexto de falar da Suíça aos americanos. Aí encontraria Saint Exupéry, Marcel Duchamp, André Breton e Coudenhove-Kalergi, entre muitos outros. Seria com aquele último que teria a possibilidade de partilhar a ideia de Europa e, muito particularmente, as suas ideias para a Europa⁸. Ideias que regressariam ao velho continente a propósito da União Europeia dos Federalistas, congresso em que ambos estariam presentes. A data de 8 de Setembro de 1946 seria o marco inicial para uma série de discursos de Denis de Rougemont sobre a Europa.

O problema da reconstrução europeia e a necessidade de uma unidade europeia eram os temas que ocupavam os intelectuais, políticos e economistas da época. Rougemont discursava sobre a união da Europa, acreditando na sua real possibilidade. Para além do seu espírito visionário, que o fazia sonhar com uma Comunidade Cultural Europeia, o escritor suíço também propunha medidas concretas e efectivas para a unidade europeia a curto prazo: enunciava os problemas da reconstrução europeia paralelamente à necessidade de unir os europeus num projecto comum.

Um desses momentos seria o discurso no seio do Congresso da União Europeia dos Federalistas em Montreux (1947), onde nasceria a ideia do Congresso Europeu da Haia, a realizar no ano seguinte sob a presidência de Winston Churchill. Seria na capital holandesa que Rougemont iria proferir aquela que ficaria, para sempre, conhecida como *Mensagem aos Europeus*, e que contém em si as linhas fundamentais que seriam apresentadas mais tarde na *Carta Aberta aos Europeus*.

Para Denis de Rougemont a cultura era a base de qualquer possível união, também porque era na história cultural da Europa que se encontravam os fundamentos comuns dos europeus. Compreende-se, assim, toda a missão em prol da cultura que preencheu a vida deste autor. Para além da criação do Centro Europeu da Cultura em Genebra, seria Rougemont a promover, também, a Conferência Europeia da Cultura (1949) sob a presidência de Salvador de Madariaga. No ano seguinte, participa na instituição do Congresso para a Liberdade da Cultura, assumindo a sua presidência de 1952 a 1966⁹.

⁶ Denis de Rougemont, *Les chances de l'Europe*, Neuchâtel, Editions de la Baconniere, 1962.

⁷ Esta obra está traduzida em português com o título *O Amor e o Ocidente*, Lisboa, Vega, 1989.

⁸ Esperamos publicar em breve um estudo sobre Coudenhove-Kalergi para mostrar todas as virtua-lidades da sua "Pan-Europa".

⁹ Curiosamente, também em Portugal se fazem ouvir os ecos deste movimento, protagonizados em

É, ainda, de referir que, para além de outros eventos culturais, também ligados à ecologia e à defesa do meio ambiente pelos europeus, foi fundador da *Revista Cadmo*, também ligada às questões europeias. Após a sua morte a 6 de Dezembro de 1985, as suas ideias seriam continuadas por uma fundação com o seu nome, que continua a promover o debate e a reflexão sobre a Europa.

Será possível a Europa?

Antes de escrever a *Carta Aberta aos Europeus*, Denis de Rougemont foi pronunciando algumas conferências na Universidade de Genebra¹⁰ sobre a possibilidade da Europa, que reuniria numa obra intitulada *Europa como probabilidade*¹¹. Embora dedicadas aos estudantes de todas as faculdades daquela universidade, eram também abertas ao público em geral, o que mostra o interesse e a oportunidade da temática na época. No entanto, como descreve o conferencista, não deixava de ser um desafio: “Apresentar em alguns quartos de hora a aventura milenária dos europeus, era por certo correr uma aventura. Mais ainda, tratava-se de responder à questão posta pelo título de forma implícita e arriscar um prognóstico sobre o futuro da Europa”¹².

Para falar sobre o futuro da Europa, Denis de Rougemont acabaria por falar sobre o seu passado, um passado decisivo para a própria humanidade, de uma espécie de pátria do mundo. A tese defendida ao longo das quatro conferências parte da função universalizadora da Europa: a Europa descobriu, dominou e influenciou a civilização universal. O segredo deste dinamismo europeu encontra-se na sua vitalidade, vontade e vocação universalista. A unidade europeia fundamenta-se numa comunidade espiritual e jurídica históricas. É nessa idiossincrasia europeia que se encontram as novas possibilidades da Europa: partir do seu espírito europeu para construir uma política mundial de civilização.

Este autor considera que a sobrevivência da Europa e do mundo depende da unidade europeia. Assim, ou se unia ou tendia para o desaparecimento. A Europa não se podia dividir em nações rivais. Dessa forma perderia o seu poder e seria colonizada. Para Rougemont a via possível era a de constituir elos de união entre as nações, cujo modelo político era o federalismo, o único capaz de assegurar uma efectiva defesa europeia e, também, de impedir uma nova guerra. Era este o caminho para alcançar, para além da sobrevivência, o desenvolvimento da Europa. Esta unidade na diversidade permitia concretizar o tradicional papel da Europa no Mundo. Seria esta ideia uma utopia?

Para Rougemont, a Europa era a memória do mundo e continuaria a ser o canto do mundo onde era possível realizar utopias transformadoras. O passado

Lisboa pelo Centro Nacional de Cultura.

¹⁰ Estas conferências foram realizadas por convite do reitor daquela universidade, Eric Martin.

¹¹ Denis de Rougemont, *Europa como probabilidad*, Madrid, Taurus Editiones, 1963.

¹² *Idem, ibidem*, p. 7.

devia juntar ao esforço de unidade futura, unindo as nações pela federação e partilhando as soberanias. Só assim estaria impedido qualquer tipo de fragmentações europeias com consequências inevitáveis para a própria Europa e para o Mundo.

Para além deste autor, refira-se também Ortega y Gasset, cujas meditações sobre a Europa chegariam à conclusão da necessidade absoluta de unidade europeia, fundamentada precisamente na sua unidade essencial. Entre outros escritos que merecem atenção, refira-se *A Rebelião das Massas*, obra paradigmática sobre a sociedade europeia e que merece reflexão. Sobre a Europa diz o autor:

“A Unidade da Europa não é uma fantasia, mas sim a própria realidade, e a fantasia é precisamente a outra coisa: a crença em que França, Alemanha, Itália ou Espanha são realidades substantivas e independentes”.

Contudo, compreende-se que nem toda a gente perceba com evidência a realidade da Europa, porque a Europa não é uma “coisa”, mas um equilíbrio. Já no século XVIII o historiador Robertson chamou ao equilíbrio europeu *the great secreto of modern politics*.

Segredo grande e paradoxal, sem dúvida! Porque o equilíbrio ou balança de poderes é uma realidade que consiste essencialmente na existência da pluralidade. Se esta pluralidade se perdesse, aquela unidade dinâmica esvanecer-se-ia. Europa é com efeito, um enxame: muitas abelhas e um só voo.

Este carácter unitário da magnífica pluralidade europeia é o que eu chamaria a boa homogeneidade, a que é fecunda e desejável, a que já fazia dizer a Montesquieu: *L'Europe n'est qu'une nation composée de plusieurs*, e fazia falar a Balzac, mais românticamente, da *grande famille continentale, dont tous les efforts tendent à je ne sais quel mystère de civilisation*.¹³

Ainda na linha de Rougemont, também Ortega y Gasset reflecte sobre “Quem Manda no Mundo”¹⁴, num capítulo sobre o assunto, acreditando que, apesar da decadência europeia, anunciada por Spengler, e de uma civilização que vive a “Rebelião das Massas”, chegará o dia em que a Europa regressará à sua anterior hegemonia. O seu espírito também visionário acredita na reconstrução europeia, a partir de uma análise sociológica do mundo. Uma profunda reflexão chegaria à conclusão:

“Quem evitar cair na consequência pessimista de que ninguém vai mandar, e que, portanto, o mundo histórico volta ao caos, tem de retroceder ao ponto de partida e interrogar-se seriamente: É tão certo como se diz que a Europa está em decadência e se demite do mando, abdica? Não será esta aparente decadência a crise benfeitora que permitirá que a Europa seja literalmente Europa? **Não seria necessário a priori a evidente decadência das nações europeias, se algum dia fosse possível os Estados Unidos da Europa, a pluralidade europeia substituída**

¹³ Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*, Lisboa, Relógio D'Água, s.d. É de anotar que a primeira edição desta obra apareceu em 1930, muito antes da obra central deste estudo, mas contemporânea da vida e acção pela unidade europeia de Denis de Rougemont.

¹⁴ Idem, «Quem Manda no Mundo», in *op.cit.*, p. 127, sublinhados nossos.

pela sua unidade formal?”¹⁵

Para além desta extraordinária reflexão filosófica, fundamentada numa profunda análise sociológica, é de referir, também, uma extraordinária conferência pronunciada por Ortega em Berlin, intitulada *Consideratio de Europa quedam*¹⁶, ou seja, uma certa consideração da Europa feita em latim. Porquê a escolha desta língua para pensar a Europa? Guido Bruner atreve-se a concluir que esta sociedade europeia, independentemente de ser formada por ingleses, franceses, italianos ou alemães, é algo que tem um fundamento comum, em última análise, uma pátria intelectual de Erasmus, cuja língua era o latim¹⁷.

Todo o historial descrito sobre o percurso de Rougemont por um lado, e todo um contexto histórico vivido a seguir ao primeiro conflito europeu até aos anos cinquenta, justificam a *Carta Aberta aos Europeus* como um ponto de chegada sobre a defesa da unidade da Europa. Para além da realidade nacional, este autor acreditava na realidade europeia. A este propósito é interessante ler:

“Dizem-me, porém, que não existis!

Dizem-me que na Europa só existem Franceses, Ingleses, Alemães, Suíços, Albaneses, etc., e que os *Europeus* são apenas uma concepção de espírito. A este título, não existem Suíços, mas apenas súbditos de vinte e dois Estados federados chamados cantões; não existem Franceses, mas apenas Bretões, Bascos, Occitanos, Alsacianos, Catalães, Corsos, naturais de Nice, Poitou, Bourbon, Béarn, do condado da Borgonha, da Sabóia, para não dizer mais. A França, a Suíça e as outras nações não são, todavia, simples concepções de espírito, antes realidades bem marcadas nos mapas e delimitadas por fronteiras. No entanto, são mais transitórias que a Bretanha, Castela, Escócia ou Berna, que existiam antes do Estado-Nação onde hoje se encontram englobadas a que, sem a menor dúvida, sobrevirão”¹⁸.

Para Rougemont as fronteiras são artificiais, como artificiais são, também, os Estados-Nação. Assim, qualquer um, se individualmente, pode a qualquer momento perder a soberania, ou cedê-la a favor de uma união de Estados, “por dependência obrigatória, económica, social ou ideológica”¹⁹. O que nunca se perderá é a “alma europeia”, fortalecida por uma união europeia. Por isso, eis a opção: “Ou então, escolheis a união da Europa e fundais o único poder capaz de salvaguardar a vossa entidade nacional e regional, as vossas maneiras de ser diferentes, o vosso direito a permanecerdes iguais a vós próprios”²⁰.

Em conclusão, sem a união europeia qualquer Estado pode ser esmagado, ser colonizado, desaparecer. Com a união europeia, para além de persistirem os Estados sobrevivem os europeus. É este o sentido das suas palavras: “Por outras

¹⁵ *Idem, Ibidem*, pp. 138-139.

¹⁶ Ortega y Gasset, “*Consideratio de Europa quedam*”, *Europa y la idea de nation y otros ensayos sobre problemas del hombre contemporaneo*, Madrid, Alianza, 1998.

¹⁷ Cfr. Guido Bruner, “Europa, sin embargo, se mueve?”, in José Luis Abellán (coord.), *El reto europeo: identidades culturales en el cambio de siglo*, Madrid, Editorial Trotta, 1994, pp. 35-40.

¹⁸ Denis de Rougemont, *op.cit.*, pp. 9-10.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 10.

²⁰ *Idem, ibidem*.

palavras, se não existirdes como Europeus, não existireis mais ou por muito tempo como Franceses, Checos ou Suíços. Sereis colonizados um após outro e insensivelmente desnaturados pelo dólar ou pelos vossos partidos comunistas, como o haveis sido ainda não há muito pelo nacional-socialismo”²¹. Parafrazeando Rougemont, a Europa sempre existiu: “ Deixareis de existir por não terdes reconhecido que só de vós depende existir – pois, apesar de tudo já existir, já existis todos desde há séculos e apenas se trata de o reconhecer! Portanto, aqueles que dizem que não existis terão razão enquanto alimentarem as vossas divisões. Na verdade, só podereis existir todos juntos”²². Eis a solução para a Europa ser, ainda, mais Europa: a união de todos os europeus.

Uma unidade de Cultura

Toda a história da Europa evidencia uma unidade que interessa preservar. Desde Pierre Dubois, quando já em 1308 escrevia uma carta aos governantes da Europa propondo a união contra os turcos. Muitos outros planos a favor do povo europeu iriam sendo arquitectados ao longo da história, sendo de relevar os planos de Emeric Crucé, no século XVII. Também o duque de Sully, Cómenius, William Penn e o seu “Ensaio sobre a paz presente e futura da Europa”, ou, no século seguinte, os Projectos de Paz Perpétua do Abade de Saint-Pierre (1712) e de Emmanuel Kant (1795). Todos eram unânimes em considerar a necessidade de unir a Europa, modificando-se, apenas, os motivos imediatos da união, como Saint-Simon que, em 1815, decide publicar um plano de reorganização da sociedade europeia, muito próximo do que viria a ser o mercado comum. Seriam, sem dúvida, as grandes guerras do século XX a determinarem o futuro da Europa. As grandes preocupações seriam a Paz, a Prosperidade e a Comunidade Espiritual, áreas das três comissões do Congresso da Europa, em Haia: comissão política, económica e cultural.

A primeira seria concretizada pela Comissão política que levaria à criação do Conselho da Europa; a segunda pela comissão económica que impulsionaria a fusão dos interesses essenciais das nações, na altura o Carvão e o Aço, que levariam à criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, C.E.C.A., à qual viria a acrescentar-se a Comunidade Económica Europeia – CEE – em 1957. A última, a Comunidade Espiritual, parecia ter-se perdido no tempo ou parecer utópica, sem lugar. Que pretendia esta comunidade espiritual? Diz o próprio Rougemont: “ *E a comunidade espiritual* pela reunião das forças vivas da cultura, para além das fronteiras e dos nacionalismos”²³. Estas “forças vivas da cultura” são as mais difíceis de unir, mas são, também, as que mais garantias oferecem para uma verdadeira união europeia. Todos os interesses políticos e económicos vão-se alterando com o tempo, restando como

²¹ *Idem, ibidem.*

²² *Idem, ibidem.*

²³ *Idem, ibidem*, p. 17.

“guardiã” da Europa essa cultura comum europeia fundada num passado comum. Essa vertente cultural da união europeia já tinha sido considerada em Haia como uma “prioridade”, arrastada no tempo até aos dias que vivemos.

Um Centro Europeu da Cultura

É interessante lembrar que a comissão cultural de Haia não gerou uma Europa da Cultura, mas, também, não morreu, dando origem à criação, em 1949, em Genebra, de um Centro Europeu da Cultura. Podemos ler nas entrelinhas, que Rougemont percebeu que o seu federalismo não seria a via seguida pela Europa, já que a integração abandonava essa opção política. No entanto, o seu espírito visionário acreditava que um centro desta natureza permitia conservar a ideia de uma “comunidade espiritual” para a Europa, alimentada pelo surgimento de Associações, Institutos e Casas da Europa, que despertassem o sentimento de proveniência comum dos europeus.

Eis que surgiriam duas Europas – a Europa económica e a Europa cultural. A primeira visível, nos passos concretos de integração europeia, e a segunda, quase, invisível, mas, afinal, a “alma” da primeira, e que fazia da aventura espiritual europeia a sua prioridade e dos europeus os seus principais actores, quase “dispensados” no modelo económico seguido. Nesta Europa circulavam sobretudo mercadorias, mas não circulavam ideias. O Espírito da Europa permanecia e animava todos os que, como Denis de Rougemont, acreditavam que era necessário construir a Europa pelas bases:

“Todas as razões do mundo, tanto negativas como positivas, nos obrigam a unir a Europa, mas o certo é que nada ou quase nada se fez à escala da Europa inteira. Vinte e cinco anos de discursos insistindo, desde o primeiro (o de Churchill, em Zurique), na urgência vital da questão; e um progresso de facto que evoca para o humorista *o rapto da Europa por um caracol*... Parte desta constatação, deste escândalo, terá de recomeçar tudo pela base.

EUROPEIAS, EUROPEUS!

Não escrevo uma defesa. Não vos digo o que é preciso fazer. Não, não é para aqueles que ainda não repararam como é vital para os Europeus fazer a Europa que eu escrevo. Escrevo para os que sabem que a Europa tem que se unir, mas que fazem de si próprios estas duas perguntas: *Poder-se-á fazer a Europa? Como?*

Digo que se pode fundar a união da Europa sobre a unidade de cultura que ela forma e que a forma desde há dois ou três milénios. Vejo que esta unidade é comparável à de um corpo organizado: é feita de diversidades e tensões, não é por completo homogénea”²⁴.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 22.

Esta Europa tem de se fazer a partir de uma ideia: uma ideia europeia. O que falta à Europa dos Estados é essa ideia criadora, um programa, uma verdadeira unidade. Quando perguntavam o “Que é a Europa? Será capaz de me responder numa frase? Eu digo: *A Europa é qualquer coisa que é preciso unir*”²⁵. Essa união deve ser feita a partir de uma civilização e de uma cultura que, de perto, parecem muito diferentes entre as várias nações, mas de longe, vistas, por exemplo, da América, são de uma unidade evidente e todos somos bem europeus: “Vista de bastante longe, a Europa é evidente. Vistos da América, seja qual for a nossa nação, somos todos europeus. Vistos da Ásia, nem vale a pena insistir, tomamo-nos mesmo, por vezes, por americanos!”²⁶. Pelo contrário, “Vista de demasiado perto, em contrapartida, não há Europa!...*Não será o Europeu esse homem estranho que se manifesta como Europeu na medida exacta em que duvida que o seja e pretende, ao contrário, identificar-se quer com o homem universal, quer com o homem de uma só nação do grande complexo continental do qual se revela assim parte integrante, apenas porque o contesta?*”²⁷.

Em síntese, a Europa era a pátria da diversidade mas tinha uma original e profunda unidade que lhe permite ter uma consciência comum europeia. Só os nacionalismos esmagaram essa unidade e esse civismo europeu, apresentando a Europa como um *puzzle* de nações e a cultura europeia como um somatório de culturas distintas e mesmo rivais. Os mesmos nacionalismos esmagaram, também, a própria Europa provocando conflitos sanguinários.

A Educação Europeia

A grande originalidade de Denis de Rougemont está em acreditar que o caminho para criar uma verdadeira união europeia está na educação. Cabe aos professores difundirem as várias culturas dos países europeus, como pertencentes a uma cultura europeia:

“Roland de Lassus não pertence nem à Bélgica, nem à França, nem à Itália actuais, do mesmo modo que Grünewald não se tornou um pintor francês em virtude da anexação de Colmar à França, quase três séculos depois da sua morte. Quer se trate de música, de pintura, de arquitectura, de filosofia ou de ciência, para já não falar de religião que a todos inspira à partida, não existe um único ramo na nossa cultura que não resulte de mil intercâmbios tecendo a obra comum dos europeus; e não existe uma única que se possa estudar de maneira séria ou inteligível no campo limitado pelas fronteiras de uma só das nossas nações actuais. Não há uma pintura francesa como não há química alemã ou matemáticas soviéticas, porque antes de todas estas divisões arbitrárias existia a grande comunidade de criações e influências mútuas que sempre se chamará Europa na história do espírito humano”²⁸.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 24.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 29.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 29.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 59.

A melhor maneira de criar cidadãos europeus é através de uma educação europeia. A verdadeira unidade europeia não começa nos políticos, mas nos cidadãos educados para serem europeus. Por isso, é necessário contar a Europa às crianças e jovens para vir a formar cidadãos europeus. O grito de Rougemont é de alarme:

“Ó professores todo-poderosos do ensino secundário! Mostrar isto sem descanso, a todo o momento, aos vossos alunos, não é somente fazer História honesta após um século de falsificação nacionalista das perspectivas; é também fazer a Europa nos espíritos jovens e mostrar a sua unidade fundamental, base da união que está por fazer”²⁹.

São palavras bem actuais, ainda por concretizar. A Educação para a Europa é a solução apresentada para uma mais profunda construção europeia. Urge *e-ducere*, isto é, conduzir os alunos a “fazer Europa antes de fazer a Europa; o mesmo é dizer que se trata menos de ensinar a união da Europa que de educar nos nossos filhos o Europeu, pelo próprio estilo da educação”³⁰. Era esta a via apresentada para ultrapassar a decadência europeia, bem expressa por Paul Valéry, já em 1919, logo após a primeira guerra mundial: “Nós as civilizações, sabemos agora que somos mortais”³¹.

Apesar dos sinais de decadência europeia, sentidos em todos os tempos, “a civilização europeia é a única que se tornou efectivamente universal”³². Conclui Rougemont: “Onde está, portanto, todo este eclipse da Europa como cultura? No espírito dos seus intelectuais, somente”³³.

Esta ideia de uma Educação Comum Europeia, tendo no horizonte, a criação de um espírito comum europeu, seria retomada na actualidade com a proposta alemã de criação de um Livro Europeu de História, por ocasião da sua presidência da União Europeia. Com o sugestivo título “E se a Europa lesse o mesmo livro de História?”, a imprensa portuguesa daria conta desse projecto. Esse livro teria como destinatários os estudantes dos 27 estados-membros, servindo-se do manual franco-alemão como modelo. Esta intenção, protagonizada pela ministra da Educação alemã, Annette Schavan, pretendia “ajudar a relançar os valores comuns europeus”³⁴. Embora alvo de muitas críticas, nomeadamente do ministro polaco, Roman Gyvertich, este projecto entusiasmou Angela Merkel, chanceler alemã, mas, também, conquistou Espanha. Para a Holanda, a República Checa e a Dinamarca, a ideia não os entusiasma, sendo mesmo perigosa para o Reino Unido, parecendo usar o sistema educativo para explorar o seu passado nazi.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 59.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 70.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 85.

³² *Idem, ibidem*, p. 89.

³³ *Idem, ibidem*, p. 94.

³⁴ “E se toda a Europa lesse o mesmo livro de História?”, *Diário de Notícias*, 8 de Março de 2007, p. 3.

Carta aberta a todos os europeus

A mensagem final é de esperança na Europa dos europeus. Uma Europa unida na diversidade, proposta por Denis de Rougemont e que soa bem actual. Para o autor fazer a Europa passa pela solução federalista, como sabemos. Diz ele:

“O obstáculo a toda a união possível da Europa, portanto, a toda a união federal, não é outro senão o Estado-Nação, tal como Napoleão o modelou, integralmente centralizado com vista à guerra. É este modelo que todos os povos da Europa, grandes e pequenos, imitaram uns após outros, ao longo do século XIX, seguidos nos nossos dias pelo resto do mundo, principalmente pelo Terceiro Mundo, mal descolonizado neste aspecto...”³⁵.

No entanto, o que está verdadeiramente em causa é criar um espírito europeu. Um espírito só possível entre uma unidade de culturas, sempre de cariz espiritual, protagonizada pelos europeus e nunca pelos Estados. Lembra Rougemont que um Estado-Nação submete pela força realidades diferentes, que não têm entre si nenhum elo natural: fronteiras, língua, economia, ideologias ou religiões. No fundo, é unir realidades essencialmente distintas, como afirma o autor:

“Nada, portanto, mais hostil a toda a espécie de união mais ou menos séria ou sincera que este Estado-Nação que, aliás, se revela incapaz de responder às exigências concretas do nosso tempo, pois é simultaneamente demasiado pequeno para o mundo, demasiado grande para as suas regiões e sem outra correspondência que não seja accidental com um espaço económico definido pela natureza das coisas ou por um projecto racional.

Ora, eis a ironia trágica da nossa história: é na base deste obstáculo radical a toda a união que nos esforçamos desde há vinte e cinco anos, por unir a Europa! Eis o que explica suficientemente, creio eu, o motivo por que não se avançou um metro em direcção à nossa união política.

Quer se lhe chame a Europa das pátrias, das nações, dos Estados ou das soberanias, a união da Europa não se fará sobre a grande confusão, tão cara aos homens de Estado, das nossas diversidades e das nossas divisões”³⁶.

Embora esta visão seja influenciada por uma opção federalista de base, não deixa de ser bem actual a encruzilhada anunciada: a unidade da Europa com base numa natureza “accidental”, a unidade de interesses económicos, sem avistar, nem ao longe qualquer consenso político e, ainda mais longínquo, um verdadeiro projecto europeu com base cultural e que envolva os europeus. Lembra o autor que “ainda não se avançou um metro em direcção à nossa união política”, quadro de uma actualidade impressionante, por faltar o sentido de uma verdadeira união, só possível se fundamentada em interesses mais profundos. Esta união não pode ser feita pelos homens de Estado, tem de ser feita pelos europeus:

³⁵ *Idem, Ibidem*, p. 118.

³⁶ *Idem, ibidem*, pp. 119-120.

“Europeias, Europeus, deixai de imaginar que os vossos homens de Estado têm verdadeiramente a intenção de fazer a Europa! (...) A Europa não se fará também espontaneamente, pela *força das coisas*, que é a medida exacta da fraqueza do nosso espírito, ou por ser necessária, ou ainda em virtude de qualquer *sentido da História* que nunca ninguém conheceu, não conhece nem poderá vir a conhecer, na verdade, antes dos fins dos tempos e do Juízo Final.

Europeias, Europeus, sereis vós quem fará a Europa e mais ninguém, com a única condição de que o queirais verdadeiramente”³⁷.

A Europa dos Europeus é muito mais duradoura do que a Europa das Nações. Como dizia Renan, “As nações não são nada de eterno. Começaram, acabarão. A confederação europeia substituí-las-á provavelmente”³⁸. A humanidade permanecerá para além da vontade dos Estados; os europeus são a verdadeira realidade europeia. É sobre a realidade europeia que se pode edificar uma Europa unida. É, sem dúvida, uma tarefa mais difícil de realizar do “que a Europa dos mitos nacionais, mas incomparavelmente mais interessante de viver!”³⁹.

Esta Europa – a Europa dos europeus – será o resultado do espírito europeu, representado pelas europeias e europeus de todos os tempos. Esta Europa fundamentada numa comunidade cultural europeia tem a adesão de (quase) todos os europeus. Nesse sentido, são cada vez menos os antieuropeus, sobretudo os jovens com menos de trinta anos, a quem Denis de Rougemont se dirige especialmente:

“Europeias, europeus de menos de trinta anos! Podereis, finalmente, compreender que a única possibilidade de fazer a revolução é fazer a Europa das regiões, refazer uma comunidade”⁴⁰. Esta revolução não significa destruir tudo para fazer de novo, mas construir algo de novo a partir da realidade vivida: “A revolução que preconizo, a única que fará a Europa e que só pode ser feita pela Europa prestes a fazer-se, consiste, em notável analogia com a Renascença e as suas etapas, em deslocar o centro do sistema político não só da Nação para a Europa, mas também para a Humanidade no seu conjunto e, ao mesmo tempo, para a pessoa”⁴¹.

Esta humanidade no seu conjunto transporta em si a memória histórica na qual encontra as bases para uma união. É a partir desta base de natureza histórico-cultural que constrói o seu futuro. Será uma utopia? Responde o próprio Rougemont: “ Se me disserem agora que não passa de utopia querer ultrapassar o Estado-Nação, respondo que se trata, ao contrário, da grande tarefa política do nosso tempo ou, mais precisamente, dos próximos vinte anos. Na verdade, só a este preço faremos a Europa e fá-la-emos para toda a Humanidade,

³⁷ *Idem, Ibidem*, p. 133.

³⁸ Ernest Renan, *Qu'est-ce qu'une Nation?* Paris, 1882, p. 11.

³⁹ Denis de Rougemont, *op.cit.*, p. 179.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 185.

⁴¹ *Idem, Ibidem*, pp. 185-186.

pois devemos-lhe isso!”⁴². Esta Europa não é a Europa ideal, é a Europa possível: “Uma Europa que não será necessariamente a mais poderosa ou a mais rica; será, isso sim, esse canto do planeta indispensável ao mundo de amanhã, onde os homens de todas as raças poderão encontrar não talvez mais felicidade, mas mais sabor, mais sentido de vida”⁴³.

São estas as últimas palavras da *Carta Aberta aos Europeus*. Uma carta aberta no tempo, à espera de poder ser ouvida e a sua mensagem concretizada. Uma carta para os europeus do seu tempo e de todos os tempos. Uma carta que na actualidade encontra os primeiros passos de realização. Será o século XXI o tempo do visionário?

Reflexões finais

As ideias de Denis de Rougemont conservam uma grande actualidade e oportunidade de realização. O ano de 2008 – Ano Europeu do Diálogo Intercultural – parece ter sido a tentativa de concretização de parte da mensagem da sua carta. Sobretudo a tentativa de encontrar uma saída para a crise de civilização anunciada em vários momentos da história da humanidade e, vivida muito particularmente pela Europa no fim do século XX⁴⁴.

Tendo como lema **Unida na Diversidade**, a Europa pretende concretizar a ideia de uma identidade fundamentada na pluralidade cultural, considerando a cultura como a possibilidade de unir anímicamente os europeus. Esta ideia, tão presente na actualidade, está no projecto historicamente idealizado por Jean Monnet para uma verdadeira construção europeia, “utopia” sem tempo e lugar para realizar nos primórdios da construção europeia. Seria, por isso, substituída pelo pragmatismo daquele pai fundador que encontraria na economia um interesse “aparentemente” bem mais atractivo para iniciar a vida da já centenária União Europeia.

As dificuldades que a história tem mostrado em unir países e, ainda mais, em unir povos, e a própria encruzilhada em que se encontra a União Europeia sobre o método a seguir, mostram um futuro incerto. Daí a necessidade de regressar às origens da Europa e às pedras lapidares comuns que construíram os estados europeus e características culturais comuns aos seus povos, em busca de dar um sentido ao caminho.

A imprensa nacional e internacional tem dado conta desses esforços à opinião pública, talvez, a mais céptica sobre uma União Europeia que tem vivido desunida dos cidadãos europeus, a julgar pelos resultados das sondagens sobre o que pensam

⁴² *Idem, Ibidem*, p. 190.

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 190.

⁴⁴ A este propósito leia-se a reflexão sobre o assunto de Fernand Moran, “Europa: de lo implícito a lo explícito”, in José Luís Abellán, *El reto Europeo. Identidades culturales en el cambio de siglo*, Madrid, Editorial Trotta, 1994, pp. 21-30.

os cidadãos sobre a Europa. Terá chegado a hora de ouvir os europeus sobre o que desejam para uma entidade sem uma verdadeira identidade? A União Europeia continua a ser esse OPNI – Objecto Político Não Identificado –, utilizando a célebre expressão de Jacques Delors, e o aprofundamento político não parece ser a vontade de ninguém, nem dos europeus nem dos próprios políticos.

Parece evidente que reconstruir a Europa passa por “ressuscitar” o paneuropeísmo por que tanto lutou Coudenhove-Kalergi, ainda antes da Segunda Guerra Mundial. Perante os problemas actuais que a Europa enfrenta, cada vez se torna mais necessário regressar ao passado europeu para construir o futuro. Nesse passado de uma história comum há um povo europeu, cuja herança histórica lhe garante uma unidade cultural aberta à pluralidade, travando tentações racistas ou xenofóbicas entre si. Não será este o sonho europeu?⁴⁵

Terá chegado a hora de mudar o rumo à Europa para (re)encontrar a sua essencialidade? Finalmente, parece ter chegado o tempo de dar a voz aos intelectuais, que nunca deixaram de pensar a Europa, em si mesma, sem interesses económicos materializados em tratados. Essa velha Europa, com uma longa vida, com uma herança cultural única, mas cuja história haveria de mostrar-lhe a face da(s) guerra(s). Seria nesse contexto sangrento que se iniciariam os esforços de união europeia, primeiro de unidade europeia, a seguir à primeira grande guerra, e de efectiva construção europeia após o segundo conflito mundial.

Após 50 Anos, a Europa tornou-se uma “utopia interessante”⁴⁶ e, ao mesmo tempo, uma “casa da impotência”⁴⁷, segundo as expressões do pensador português da Europa, Eduardo Lourenço. Basta recordar os efeitos do debate sobre a Constituição Europeia. O mesmo autor reconhece que, apesar de tudo, a “Europa nunca foi mais Europa do que hoje”⁴⁸.

Também Jacques Le Goff, um dos maiores historiadores contemporâneos, é céptico em relação a uma Europa política e aos seus efeitos nacionalistas, propondo uma Europa Cultural⁴⁹: “A Europa unida deve ser acima de tudo cultural. A História mostra-nos que, em toda a Europa, da Escandinávia à Grécia e a Portugal, existem elementos fundamentais de uma mesma cultura e, também, de uma Europa política”⁵⁰. Por isso, olha com apreensão o futuro da Europa e o actual processo da construção europeia: “Vejo-as infelizmente com um certo pesar, porque já não há o entusiasmo, a vontade de construir a Europa que havia na segunda metade do século XX. Há o que se chama uma espécie de eurocepticismo. Predomina a ideia de fazer da Europa, como quer a maioria dos

⁴⁵ A este propósito refira-se o interessante artigo de Xavier Flores, “El sueño de Europa”, José Luis Abellán (coord.), *El reto europeo: identidades culturales en el cambio de siglo*, Madrid, Editorial Trotta, 1994, pp. 107-117.

⁴⁶ Eduardo Lourenço, *A Europa desencantada. Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Gradiva, 2001, p. 179.

⁴⁷ *Idem, Ibidem.*

⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p. 239.

⁴⁹ Jacques Le Goff, “Por uma Europa cultural”, *Jornal de Letras*, 25 a 8 de Maio de 2007, p. 9.

⁵⁰ *Idem, ibidem.*

ingleses, uma grande zona económica...⁵¹.

Seriam os próprios políticos a reconhecer que o que a Europa precisa é de uma alma, ou seja, a necessidade de **dar uma alma à Europa**. Foi esse o lema do **Encontro de Berlim**⁵², em Novembro de 2004, lembrando a herança espiritual e os valores comuns da Europa. Na mesma linha, se realizariam os **Encontros para a Cultura na Europa**⁵³, que reuniriam em Paris, no ano seguinte, 800 personalidades de todos os países da União Europeia, tendo como objectivo “afirmar a dimensão cultural da Europa”⁵⁴. Para além da **Declaração a Favor de uma Carta de Intenções para a Europa e a Cultura**⁵⁵, evidenciando que a cultura está na origem da Europa em que vivemos, estes encontros têm o mérito de mobilizarem os europeus para a construção europeia. Pelo menos intencionalmente, propondo uma unidade cultural que seja a conjugação das diversidades culturais europeias. Uma Europa a várias vozes, ou seja, cuja identidade seja feita da diversidade.

Por uma Europa Cultural: eis a conclusão de todas estas tentativas actuais de concretizar uma verdadeira união europeia. Uma Europa unida pela cultura e não pela economia, uma Europa que envolva os europeus no seu próprio destino, uma Europa com Alma.

Este ano de 2008 ficaria assinalado como o **Ano Europeu do Diálogo Intercultural**. Esta iniciativa inscreveu-se na concretização dos princípios dos tratados, especialmente da **Carta dos Direitos Fundamentais**⁵⁶ sobre o respeito e a promoção da diversidade cultural.

Será esta ideia a materialização de tantas ideias e intenções políticas, agora levadas à prática? Será que todos os europeus viveram este ano como uma motivação para o diálogo entre culturas? É tempo de eliminar preconceitos e ideias feitas sobre o outro e partir à sua descoberta. A melhor forma é incentivar o diálogo intercultural, promovendo os valores comuns e a noção de respeito mútuo. É tempo de educar os europeus no sentido de reconhecerem que a diferença não opõe mas enriquece. Finalmente, é tempo de reconhecer que a grande diversidade cultural europeia representa uma vantagem. É esse o sentido do lema adoptado: **Juntos na Diversidade**⁵⁷. Talvez por isso, a escolha de Ljubliana, na Eslovénia para lançar este ano, enfatizando a carácter intercultural da Europa. Como dizia Ján Figel, comissário europeu para a Educação, Formação, Cultura e Juventude, “queremos ir para além das sociedades multiculturais onde diferentes grupos e culturas coexistem lado a lado: a mera tolerância já não é suficiente.

⁵¹ *Idem, Ibidem.*

⁵² Veja-se o artigo “Ministros propõem Carta da Cultura”, *Diário de Notícias*, 28 de Novembro de 2004, p. 19.

⁵³ “A Cultura Europeia encontra-se em Paris”, *Público*, 2 de Maio de 2004, p. 32.

⁵⁴ *Idem, Ibidem.*

⁵⁵ “A Cultura na Defesa da Europa”, *Jornal de Letras*, 11 a 24 de Maio de 2005, p. 6.

⁵⁶ Cfr. Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, C 364/01 de 18.12.2000.

⁵⁷ “Declaração de Berlim assinala 50 Anos da União Europeia”, in <http://Europa.eu/50>, 28 de Março de 2007.

Precisamos de dar um impulso para conseguir uma verdadeira metamorfose nas nossas sociedades, de modo a conseguirmos criar uma Europa intercultural, com respeito universal pela dignidade humana”⁵⁸.

Refira-se a recente Conferência Gulbenkian, a 27 e 28 de Outubro, cuja pertinente interrogação temática “Podemos viver sem o outro?”, mostra “as possibilidades e os limites da interculturalidade”⁵⁹. Uma interculturalidade que só poderá ser vivida se interiorizada. Mais uma vez, para além da cultura, a grande missão da Educação, como lembra Denis de Rougemont. Uma Educação para os valores, cujo valor da tolerância será a pedra angular da possibilidade de um verdadeiro diálogo. Também o Tratado de Lisboa vem abrir novos horizontes para uma Europa da paz, do desenvolvimento e da diversidade cultural.

Uma Europa da união na diversidade. Uma Europa do diálogo. Uma Europa da Cultura. As ideias para a Europa do passado parecem ter encontrado uma força criadora para a sua realização. São as ideias à frente do seu tempo que podem construir o futuro. A Europa parece mais próxima do equilíbrio ou, pelo menos, procura esse equilíbrio. Viria o tempo a confirmar as “profecias” de Rougemont?

⁵⁸ “Eslovénia: Ano Europeu do Diálogo Intercultural”, *Público*, 6 de Novembro de 2008, p. 1.

⁵⁹ “Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade”, in *Newsletter* da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 97, Outubro de 2008, p. 18.

